

O racismo no futebol a partir de entrevistas na revista Placar

| **Danilo da Silva Ramos**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

| **Sarah Teixeira Soutto Mayor**

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

| **Silvio Ricardo da Silva**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Artigo original publicado em: 2022

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL / II SEMINÁRIO DE FUTEBOL NAS GERAIS

Oferecimento de obra científica e/ou literária com autorização do(s) autor(es) conforme Art. 5, inc. I da Lei de Direitos Autorais - Lei 9610/98

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de discutir como o racismo apareceu em entrevistas concedidas à Placar, revista especializada em esportes, por jogadores profissionais de futebol. Como metodologia foram escolhidas, analisadas e discutidas 10 entrevistas entre os anos de 1970 e 2008. A seleção foi realizada de maneira aleatória. Percebemos ao longo do texto o modo com que os jogadores apresentaram suas experiências e percepções sobre o racismo, assim como o quanto cada qual conferiu peso a este fato para suas carreiras profissionais e suas respectivas vidas. Desta forma, mobilizamos alguns conceitos a respeito do tema para relacionar aos eventos indicados.

Palavras-chave: Racismo; Futebol; Entrevistas; Revista Placar.

■ INTRODUÇÃO

O racismo encarado em sua forma estrutural, componente da sociedade através dos tempos e conseqüentemente uma tecnologia em constante atualização e utilizada como instrumento de dominação das elites (ALMEIDA, 2019) tem sua influência no futebol. Na atual edição da Libertadores da América temos o aumento exponencial dos casos de racismo denunciados: são seis até maio de 2022¹. Além dos casos de racismo expressados no futebol nacional, até agosto de 2022 foram registrados 64 casos, segundo dados do Observatório de Discriminação Racial². Estes fatos demonstram que mesmo com as campanhas antirracistas e lutas sociais neste campo este é ainda um tema recorrente no futebol. Desta forma, este cenário foi um dos pontos inquietantes para a partida deste trabalho, ao passo que nos surgiu a indagação/problematização: Se hoje os jogadores se posicionam, na maioria dos casos, contra o racismo (notadamente pela maneira em que a luta antirracista se configura no nosso espaço e tempo), como foi no passado? Como os jogadores encaravam o racismo? O tema aparecia nas entrevistas dos atletas profissionais? O objetivo deste trabalho é discutir as questões relacionadas nas linhas anteriores, através de entrevistas e/ou falas publicadas na revista Placar³. Como metodologia foram selecionadas 08 entrevistas e/ou falas de jogadores em que o racismo foi citado diretamente. É necessário ressaltar que foram incluídas todas em que o tema do racismo foi pauta, independente da raça do entrevistado. A partir desta base amostral, cabe ressaltar que foi realizada de maneira aleatória, pelo mecanismo de busca existente nos acervos digitais consultados⁴. Chegamos à seguinte base de dados:

Quadro 1. Entrevistas publicadas na Placar e utilizadas no trabalho.

Jogador	Ano
Antônio Carlos	01/03/07
Cláudio Adão	23/03/84
Cláudio Adão	01/12/86
Diego	01/03/04
Jair	22/08/80
Joel	04/12/70
Paulo César	06/01/78
Pelé	22/10/76

Fonte: Elaboração dos autores.

1 Disponível em https://www.geledes.org.br/futebol-sul-americano-tem-recorde-de-casos-de-racismo-em-2022-aponta-observatorio/?gclid=CjwKCAjwpKyYBhB7EiwAU2Hn2SYpaBpLZNgO3fZ2zsXoKo-fyGkPWh2ebFLWn_Ofcwdop1gL3O5gARoCYIoQAvD_BwE

2 Disponível em <https://ge.globo.com/rj/futebol/noticia/2022/08/24/casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro-em-2022-igualam-numero-de-to-do-o-ano-passado.ghtml>

3 A revista Placar é uma publicação sobre Futebol e esportes, surgida em 1970 teve grande importância no cenário nacional, como exemplo podemos citar a máfia da loteria esportiva, matéria que teve ampla divulgação e espaço na revista em forma de denúncia no ano de 1982. Além disto, mantêm-se no mercado editorial até o presente.

4 Acervo pode ser consultado (uma das diversas opções existentes na internet) navegando em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca-ca>

É relevante apontar que temos consciência de que a revista, enquanto fonte historiográfica, tem seus limites, mesmo quando tratamos das entrevistas e/ou falas. Pois, todos documentos impressos possuem filtros de seus editores, linha política editorial, defesas de determinados interesses e daí por diante, como aponta Carvalho (2012). Assim, buscamos levar em consideração este fator em nosso texto.

“RACISTAS NÃO ME DEIXARAM SER ÍDOLO” – A INFLUÊNCIA DO RACISMO NO FUTEBOL POR MEIO DAS ENTREVISTAS DE JOGADORES

O futebol é um fenômeno esportivo que se relaciona intrinsecamente com a sociedade do seu espaço/tempo. Vejmelka (2018) indica que o futebol tem ligações com a política, a cultura e a sociedade, além disso aponta que é capaz de produzir e/ou reproduzir narrativas que são interpretadas como nacionais. Existe uma série de outros autores e autoras que dialogam a respeito do futebol como elemento cultural integrante da sociedade. Isso posto, o futebol sofre e influencia seu meio. Assim o racismo neste texto é operacionalizado em seu caráter estrutural, ou seja, como parte integrante do modo de produção vigente, o capitalismo, e como instrumento utilizado pelas classes dominantes para manutenção da ordem social estabelecida (ALMEIDA,2019). Vamos às análises sobre como o racismo apareceu nas entrevistas listadas acima.

Na entrevista concedida por Jair, jogador do Internacional, um dos grandes atletas do clube, ele sentencia: “Sabe por que há tanta resistência à minha permanência no Inter? Por causa do racismo. Aqui, já fiz o que os melhores fizeram, não preciso provar mais nada. Só não gostaria de sair antes de descobrir as razões do racismo”. Jair se sentia injustiçado no clube e apontava o racismo como principal causa, uma vez que fizera parte do lendário tricampeonato nacional conquistado pelo clube em 75, 76 e 79, sendo importante em todos eles, inclusive no último (em que terminou invicto). No sentir do jogador, que tivera o apelido de “Rei Jajá” foi pelo racismo que não figurou entre os ídolos do clube e não conseguiu a renovação de seu contrato no início da década de 80.

Nas duas passagens de Cláudio Adão analisadas neste trabalho temos a confluência de diversos elementos que remontam o caráter plural da ocorrência do racismo. Chamou-nos a atenção o peso que ele sentiu quando relatou os preconceitos de ser casado com uma mulher branca e como a sociedade encarava sua felicidade. Relatou que “O problema é que julgam que negro não pode ser feliz” e, em outra entrevista: “Não faltaram lances de racismo forte, por eu ter me casado com uma branca.” Acontece que o jogador fez uma acusação de

racismo ao indicar que não participava com frequência da seleção nacional, diz: “chamou jogadores como Roberto do Recife, e até outros negros, como César, ex-Vasco e Palmeiras, e Serginho, que deu pernada em juiz e bateu em mulher. Fiquei fora por racismo”.

A seleção volta à pauta quando lemos a entrevista de Paulo César⁵. O atleta afirmara que muita gente diz que não existe racismo no Brasil. Eu não acredito nisso. O racismo existe, embora não seja reconhecido. Na seleção, quando é possível, primeiro convocam os brancos. É um assunto que ninguém gosta de abordar, mas eu sinto esse racismo.

Dois grandes jogadores negros apontam para uma mesma perspectiva institucional, a de que o racismo impede o amplo acesso a seleção nacional.

Todavia, como contraponto a estas falas, temos uma entrevista de Pelé, em que aponta para uma visão de que “racismo existe. “No Brasil, o problema é mais social. Pobre pode ser preto ou branco que não entra em lugar nenhum. Preto rico ou com prestígio popular encontra sempre as portas abertas”. A fala de um dos maiores jogadores de futebol da história demonstra alguns elementos inquietantes do discurso da democracia racial: reconhecer a existência do fenômeno do racismo e tirar seu peso estrutural, colocando-o abaixo do campo econômico. Em lado oposto quanto a esta caracterização trazemos a entrevista de Joel Camargo, que diz “Sei que muita gente que vem cumprimentar o Joel jogador, me abraça e me convida para sair, mas que não sairia comigo se eu fosse só o Joel um negro.”

Antônio Carlos relata que se arrepende pelo racismo cometido contra Jeovânio, indica em sua fala de arrependimento que “aquilo foi só uma forma de eu agredir o cara na hora em que eu estava nervoso”, demonstrando como o racismo pode ser usado para desestabilização de uma pessoa negra, naquele momento em uma partida de futebol. Em um passado breve tivemos uma fala de Diego (jogador branco) que afirma: “existe preconceito ao contrário no futebol. Só porque sou branquinho, classe média, meu cabelo é liso, alguns ficam com pé atrás.” Um braço do mito da ideologia de democracia racial que em nosso prisma é errôneo afirmar que exista “racismo reverso” como questionam Almeida (2019) e Fontoura (2021).

■ CONCLUSÃO

Mediante o exposto é necessário sublinhar que o racismo permeou a vida dos jogadores negros, principalmente, do futebol nacional no passado (existindo ainda no presente). Percebemos que existem variações nas falas sobre tal, não existe homogeneidade em relação ao tema, ao menos nos fragmentos acessados. O fim do racismo está ligado a questões

5 Esta entrevista foi contestada pelo jogador em relação a veracidade das palavras utilizadas e dos temas ali expostos.

mais amplas, seu combate nem tanto. É importante a manutenção e atualização das lutas antirracistas de modo sistemático.

■ REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. 1^a. ed. Editora Jandaíra, 2019. 256 p. Kindle.
2. CARVALHO, R. L. P. de. Apontamentos metodológicos acerca da crítica das fontes na historiografia. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, SP, v. 11, n. 42, p. 296–300, 2012.
3. FONTOURA, Julian Silveira Diogo de Ávila. Racismo Reverso: O Porquê da sua Não-existência. *Interritórios I Revista de Educação*, [s. l.], v. 7, ed. 13, p. 55-67, 2021.
4. VEJMEKKA, Marcel. Futebol, política e identidade no Brasil. *FuLiA*, v. 3, ed. 1, 2018.